**ARÉA TEMÁTICA: ETNOZOOLOGIA**

**SUBÁREA TEMÁTICA:**

**COMPREENDENDO A SUBSISTÊNCIA: INVESTIGANDO A CAÇA EM CONTEXTOS SOCIOECONOMICOS**

Genilson Bezerra de Oliveira Filho¹; Iraquitan Sousa ¹; Rayanna B. Marques ¹; Laís Hibraína ¹; Leonardo Chaves ¹

¹ Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Campus Recife.

E-mail: gehxp@hotmail.com

**INTRODUÇÃO**

A carne de animais caçados é um recurso amplamente explorado por populações rurais em diversas partes do mundo, sendo por vezes a única fonte de proteína disponível para a dieta (Nielsen et al., 2018). Nas últimas décadas, o crescimento da população em contato com áreas conservadas tem aumentado a demanda por esse recurso (Ingram et al., 2021), frequentemente a níveis insustentáveis. Evidências recentes da literatura demonstram que as áreas caçadas apresentam uma redução de 58% das aves e 83% dos mamíferos em comparação com áreas não caçadas (Benítez-López et al., 2017). Devido a isso, muitas espécies estão diminuindo em número, ficando isoladas em pequenas manchas de vegetação natural ou sofrendo extirpações locais silenciosas (Minhós et al., 2016). A redução de populações animais induzida pela caça também traz inúmeras ameaças à segurança alimentar e à saúde dos seres humanos de forma direta ou por efeitos em cascata (Santos et al., 2017). Visto que, em todo o mundo, cerca de um bilhão de pessoas dependem de carne selvagem para a subsistência (Brashares et al., 2014).

Frente a este cenário, é de fundamental importância conhecer quem são as pessoas que utilizam e dependem da carne de caça para sua subsistência (Chand, 2022), visto a necessidade de do planejamento de projetos de manejo e educação ambiental adequados. Traçar um perfil preciso das pessoas que praticam a caça no Brasil é particularmente desafiador, devido a regulaentação confusa da ativdade (Bragagnolo, 2019). Entretanto a exploração de recursos naturais por pessoas de uma comunidade tradicional passa necessariamente pelo domínio do conhecimento sobre sua disponibilidade, formas de coleta e de uso, o que pode ser um proxy da prática da atividade. Dessa forma, neste trabalho investigamos como, em uma comunidade quilombola na Mata Atlântica pernambucana, fatores socioeconômicos podem predizer o conhecimento a respeito de caça.

**MATERIAL E MÉTODOS**

A área de estudo inclui a comunidade tradicional Quilombola Siqueira, situada no município de Rio Formoso. O município de Rio Formoso está localizado no litoral Sul de Pernambuco e a comunidade está sobreposta entre duas Unidades de Conservação: APA Costa dos Corais e APA de Guadalupe (Processo CPRH No 09330/2022 e SISBIO 84629-1). Entre os meses de junho e julho de 2022 nós visitamos todas as residências da comunidade e convidamos todas as pessoas maiores de 18 anos a participar da pesquisa. Aplicamos entrevistas estruturadas a 73 voluntários （35 homens e 38 mulheres), registrando as seguintes variáveis socioeconômicas: o nome, a idade, o tempo de moradia, a ocupação, a renda e a escolaridade. A ocupação foi categorizada em três níveis (Campo, Lar e Serviços), a renda categorizada em três níveis (um salário-mínimo, mais que um salário-mínimo e menos que um salário-mínimo) e a escolaridade registrada em anos de estudo formal. Em seguida, para registrar quais animais são caçados na comunidade, utilizamos o método de Listas Livres (ver Albuquerque et al., 2014), utilizando como questão norteadora a pergunta: "Que animais do mato você conhece que são bons para comer?". Para estimular os respondentes a recordarem mais itens, realizamos indução inespecífica e releitura com técnicas auxiliares.

Para testar o efeito das variáveis socioeconômicas sobre o conhecimento sobre animais caçados, construímos modelos lineares generalizados, utilizando como variável dependente a quantidade de animais citados por cada informante. Todas as análises foram desenvolvidas em ambiente R (R Core team, 2023) e valores de p<0.05 foram considerados como significativos.

**RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Ao todo 23 espécies foram citadas como alvos de caça da comunidade. Os informantes citaram em média 3,5 espécies (0 - 9). A espécie mais citada foi o Tatu comum (*Dasypus novemcinctus*), com 68 citações, seguida do Teju (*Salvator merianae*) com 49 citações. As espécies menos citadas, com apenas uma citação, foram o sagui comum (*Callithrix jacchus*), a ave três-cocos (*Aramides cajaneus*), lontra (*Lontra longicaudis*), gato-do-mato (*Leopardus tigrinus*), a juriti (*Leptotila verreauxi*), o furão (*Galictis cuja*), o calango (*Ameiva ameiva*) e o lambu (*Crypturellus parvirostris*). Verificamos que os mamíferos foram o grupo mais comum entre as espécies citadas (15 espécies), seguidos por répteis e aves com apenas quatro e três espécies citadas, respectivamente. A preferência pela caça de mamíferos é um padrão já bastante conhecido entre caçadores, inclusive na região Nordeste do Brasil (Barboza et al., 2016).

Em nossas analises A escolaridade apresentou uma relação inversa com o conhecimento sobre caça (t = -1,726; p = 0,0102), ou seja, quanto mais escolarizada uma pessoa, menos conhecimento sobre caça ela apresenta. A relação entre nível de educação formal e conhecimento ecológico local ainda não é clara. As evidências da literatura vêm apresentando resultados contrastantes entre essas duas variáveis. Apesar de alguns trabalhos terem observado resultados semelhantes aos nossos, demonstrando uma correlação negativa entre escolaridade e conhecimento ecológico local (Andrade Martins De et al., 2015; Giovannini et al., 2011), em alguns contextos socioambientais é possível se verificar um aumento do conhecimento ecológico local acompanhado da escolaridade (Miguéis et al., 2019). Uma explicação bastante razoável para esse efeito é o fato de que pessoas que dedicam mais tempo da sua vida ao estudo formal possuem menos tempo interagir com outros caçadores e assim aprender informações relacionadas à caça. É possível também que um maior contato com a educação formal cause um efeito de conscientização nessas pessoas, fazendo com que elas se afastem de práticas nocivas ao meio ambiente.

Em nosso modelo a idade apresenta um efeito sutil sobre o conhecimento a respeito da caça. Apesar dessa variável não ter apresentado uma relação estatisticamente significativa, a variável idade foi importante na estruturação do modelo linear. Ainda que essa relação seja marginal, é iimportante destacar que vários trabalhos vêm demonstrando a influência da idade no conhecimento ecológico local. Corroto, et al. (2019), por exemplo, demonstraram diferenças no conhecimento sobre recursos naturais entre os grupos de faixas etárias distintas (jovem: 18-30; maduro: 51-60 anos e senil: maiores de 60 anos). No contexto estudado o conhecimento ecológico local aumentava do grupo jovem para o maduro e diminuía no grupo senil. Raal, et al. (2018) também encontra que pessoas com mais idade preferem usar plantas medicinais do que utilizar medicina ocidental para tratar enfermidades comuns.

O padrão encontrado em nosso trabalho sugere que pessoas mais jovens podem apresentam mais conhecimento sobre caça do que pessoas mais velhas (t = -1,726; p = 0,0889). Isso pode estar relacionado com o fato de a caça ser uma atividade que envolve um elevado esforço físico, levando à diminuição de sua prática com o avançar da idade. Além disso, em muitas comunidades tradicionais, a prática da caça é um elemento de prestígio, fazendo com que homens jovens se interessem por sua prática (Gurven e Rueden, 2006).

**CONCLUSÕES**

Nosso trabalho demonstrou que fatores socioeconômicos podem ser importantes preditores do conhecimento ecológico local e particularmente o conhecimento sobre a caça. A compreensão desses fatores é fundamental para a definição de grupos alvo em trabalhos de educação ambiental e marketing social que visem sensibilizar populações de caçadores sobre as consequências nocivas da caça. Sugerimos que trabalhos futuros explorem uma maior diversidade de fatores socioeconômicos, particularmente os que estão associados a fatores subjetivos, como crenças, mitos, tabus e fatores relacionados à palatibilidade da carne de caça e à preferência de sabor.

**REFERÊNCIAS**

Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Lins Neto, E. M. DE F. (2014). Selection of Research Participants. In: Albuquerque, U. P. et al. (Eds.). Methods and Techniques in Ethnobiology and Ethnoecology. 1. ed. New York: Humana Press, p. 1–13.

Andrade Martins de, W. et al. (2015). Knowledge, Uses and Practices of the Licuri Palm (Syagrus Coronata (Mart.) Becc.) around Protected Areas in Northeastern Brazil Holding the Endangered Species Lear’s Macaw (Anodorhynchus Leari). Tropical Conservation Science, v. 8, n. 4, p. 893–911.

Barboza, R. R. D.; Sérgio, F.; Lopes, W. M. S. S, Hugo Fernandes-Ferreira, and Rômulo R. N. Alves (2016). “The Role of Game Mammals as Bushmeat In the Caatinga, Northeast Brazil.” Ecology and Society, 21(2).

Bennett, E. L. et al. Hunting for consensus: Reconciling bushmeat harvest, conservation, and development policy in West and Central Africa. Conservation Biology, v. 21, n. 3, p. 884–887, 2007.

Benítez-López, A. et al. (2017). The impact of hunting on tropical mammal and bird populations. Science, v. 356, n. 6334, p. 180–183.

Bragagnolo, C. et al. Hunting in Brazil: What are the options? Perspectives in Ecology and Conservation, v. 17, n. 2, p. 71–79, 2019.

Burnside, W. R. et al. (2012). Human macroecology: Linking pattern and process in big-picture human ecology. Biological Reviews, v. 87, n. 1, p. 194–208.

Chand, Annisa. Bushmeat in Brazil. Nature Food, v. 3, n. 7, p. 489-489, 2022.

Corroto, F. et al. (2019). Different patterns in medicinal plant use along an elevational gradient in northern Peruvian Andes. Journal of Ethnopharmacology, v. 239, p. 111924.

Giovannini, P. et al. (2011). Do pharmaceuticals displace local knowledge and use of medicinal plants? Estimates from a cross-sectional study in a rural indigenous community, Mexico. Social Science and Medicine, v. 72, n. 6, p. 928–936.

Gurven, M.; Von Rueden, C. (2006). Hunting, social status and biological fitness. Social biology, 53(1-2), 81-99.

INGRAM, Daniel J. et al. Wild meat is still on the menu: Progress in wild meat research, policy, and practice from 2002 to 2020. Annual Review of Environment and Resources, v. 46, p. 221-254, 2021.

Miguéis, G. DA S. et al. Plants used by the rural community of Bananal, Mato Grosso, Brazil: Aspects of popular knowledge. PLoS ONE, v. 14, n. 1, p. 1–15, 2019.

Nielsen, Martin R. et al. The importance of wild meat in the global south. **Ecological economics**, v. 146, p. 696-705, 2018.

Raal, A. et al. Modern beliefs regarding medicinal plants in Estonia. Journal of Baltic

Studies, v. 49, n. 3, p. 387–403, 2018.